



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 19 de outubro de 2023

Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na quarta-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na quarta-feira	Últimos	Comercial, venda na quarta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
1,6% São Paulo	115.754 13/10 16/10 17/10 18/10	R\$ 5,054 (+ 0,38%)	R\$ 1.320	R\$ 5,324	12,65%	12,42%	Maio/2023 0,23 Junho/2023 -0,8 Julho/2023 0,12 Agosto/2023 0,23 Setembro/2023 0,26

GUERRA ISRAEL-HAMAS

Bolsa recua, com petróleo no radar

Receio de que cotações do produto disparem e derrubem a economia afugenta investidores

» GIULIA LUCHETTA
» ESPECIAL PARA O CORREIO

Geraldo Falcão/Agência Petrobras



Plataforma da Petrobras em alto mar: companhia pode ter que reajustar preço dos combustíveis se situação externa se agravar

O conflito entre Israel e o grupo terrorista Hamas completou 12 dias com tragédias humanitárias que acentuam a aversão a risco nos mercados financeiros internacionais. O temor de que grandes países produtores, como o Irã, se envolvam no conflito, fez os preços do petróleo tipo Brent para entrega futura aumentarem 1,57%, para US\$ 91,31 por barril. Com o nervosismo dos investidores, o Ibovespa, principal indicador da Bolsa de Valores de São Paulo (B3) fechou em queda de 1,60%. As ações ordinárias da Petrobras, entretanto, subiram 2,34%. Por ser grande exportadora do produto, a estatal se beneficia da alta do petróleo. A companhia terminou o dia avaliada em R\$ 525 bilhões — o maior valor de mercado de sua história. O mau humor do mercado foi reforçado, ainda, por comentários sobre a manufatura de juros altos nos Estados Unidos.

O Ministério de Relações Exteriores iraniano pediu aos países muçulmanos que lancem um embargo petrolífero a Israel, em retaliação ao bombardeio de um hospital na Faixa de Gaza, evento que provocou o acirramento das tensões na região. Especialistas consultados pelo **Correio** afirmaram que o mercado ainda está precificando o risco potencial de envolvimento de países vizinhos no conflito, sobretudo Irã e Arábia Saudita, que estão entre os principais produtores mundiais de petróleo. A eventual entrada do Irã na guerra, em apoio ao

Hamas, abre ainda o risco de novas sanções dos Estados Unidos e aliados ao país, que já vem de um embargo americano desde o início do governo de Donald Trump.

“Caso o Irã entre no conflito, poderá haver um impacto nos preços internacionais. Mas os EUA já impuseram embargo ao Irã e, hoje, o país persa tem suas vendas mais direcionadas ao oriente do que ao ocidente. Assim, o impacto no preço é mais indireto, e por isso pode perder força a curto e médio prazos”, ponderou Eric Gil Dantas, economista do Ibeps (Instituto Brasileiro de Estudos

Políticos e Sociais).

Segundo Dantas, caso os preços subam ainda mais, o impacto será menor para o Brasil do que para outros países. “Isso ocorre porque produzimos a maior parte dos derivados consumidos e a maior ofertante destes produtos é a Petrobras, que não repassa imediatamente as oscilações internacionais”, ponderou.

O economista destaca ainda que a petroleira tem uma “margem de manobra”, pois o preço da gasolina está 2% abaixo dos preços do mercado internacional, de acordo com a Abicom

(Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis). A situação mais delicada é a do diesel, cuja defasagem chega a 17%, segundo a Abicom. Para Dantas, “os preços internacionais teriam que subir muito para que a Petrobras reajustasse os combustíveis, já que, desde maio, ela opera com preços quase sempre abaixo dos internacionais, muitas vezes com defasagens acima de 10%”, disse.

Para o professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB) José Luis Oreiro, o conflito no Oriente Médio pode resultar em dois

cenários. No primeiro, caso as cotações do petróleo permaneçam altas por mais tempo, a Petrobras reajustaria os preços internos, o que pressionaria a inflação e poderia levar o Banco Central (BC) a diminuir o ritmo queda da taxa básica de juros (Selic).

“Um cenário mais pessimista seria o envolvimento da Arábia Saudita, ou do Irã, no conflito, resultando em preços do petróleo acima de R\$ 100 por barril, desencadeando uma recessão global, aumento da inflação mundial e estagnação econômica”, avaliou.

Geraldo Magela/Agência Senado



Jean Paul Prates: setor de petróleo e gás já está pressionado

Risco de “tempestade perfeita”

» FERNANDA STRICKLAND

O presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, avaliou, ontem, que, no momento, não há indícios de que a guerra entre Israel e o grupo Hamas vá interferir no preço dos combustíveis no Brasil. Contudo, se o conflito se alastrar, será a “tempestade perfeita” no mercado de petróleo e gás, alertou.

As declarações foram dadas após Prates se reunir com o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, e com o secretário-geral da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), Haitham al-Ghais, que visita o Brasil nesta semana. De acordo com o presidente da Petrobras, o encontro foi de cortesia.

O ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, afirmou que o risco de desabastecimento de combustíveis no Brasil, devido à guerra no Oriente Médio, está descartado. “A Petrobras tem tido toda a responsabilidade na questão do suprimento de combustível no país”, ressaltou.

O ministro disse ainda que a Petrobras trabalha sempre observando a volatilidade, mas muito focada nos seus custos internos. “A estatal não precisa ser subserviente ao preço internacional. Ela tem que observar o preço internacional, até porque ainda não somos autossuficientes na gasolina e no diesel, mas é muito mais competitiva do que

muitas petroleiras internacionais”, frisou.

O presidente da estatal reconheceu que o conflito já apresentou um impacto inicial no preço do petróleo, mas que houve uma estabilização após alguns dias. Segundo ele, a cotação do petróleo atualmente, em cerca de US\$ 91 por barril (do tipo Brent), é alta, “mas não tem, necessariamente, a ver com esse conflito em si”. “Já tinha uma inflação estrutural acontecendo”, ponderou.

“Do ponto de vista do mercado de petróleo e gás, por enquanto, não há indício de que haverá alastramento do conflito para países produtores, como o Irã”, reforçou Prates. Ele afirmou que, das conversas

que tem tido até o momento com representantes da Opep, a intenção é procurar uma solução pacífica para a guerra e evitar um alastramento para o

restante do Oriente Médio. “O preço do petróleo já está afetado, piorar mais a guerra é a tempestade perfeita”, acrescentou. (Com Agência Estado)

EXPORTAÇÕES

Apex mira mercados da América Central e do Caribe

» HELENA DORNELAS

Com o objetivo de abrir novos mercados e aumentar as vendas de produtos brasileiros aos países da América Central e do Caribe, que caiu nos últimos anos,

a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos — Apex Brasil, promoveu um encontro na Cidade do Panamá para fomentar a presença dos produtores nacionais naqueles mercados.

O evento reuniu embaixadores

e secretários de Comércio e Agricultura das representações brasileiras nos países da América Central e do Caribe, seguindo estratégia semelhante à aplicada na África e que também será implementada na América do Sul. Participaram do evento no Panamá dirigentes de empresas brasileiras e representantes dos Ministérios da Agricultura e das Relações Exteriores.

“Nos últimos anos houve uma

ausência de diplomacia nessa região e um dos objetivos do governo Lula é melhorar a relação comercial com os vizinhos”, comentou Jorge Viana, presidente da Apex Brasil. Ele ressaltou que o objetivo não é apenas aumentar as exportações, mas também construir relações comerciais mutuamente favoráveis.

O presidente da Apex citou a demanda de carne animal na região do Caribe, que recebe em

torno de 50 milhões de turistas por ano. A oferta do produto é suprida pelos Estados Unidos, em um mercado que movimentou mais de US\$ 2 bilhões anuais.

De acordo com Viana, uma das metas da Apex é dobrar o número de empresas exportadoras, atualmente de 3 mil, até o fim do atual governo. “As condições estão muito favoráveis, principalmente pelos empresários e pelo produto”, afirmou.

CONJUNTURA

Vendas do varejo caem em agosto

O volume de vendas do comércio em agosto teve um recuo de 0,2% frente a julho de 2023. Na comparação com agosto de 2022, houve alta de 2,3%, porém, o levantamento aponta que o índice permanece estável. Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio, divulgada, ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Essa variação mensal é identificada como estabilidade. Excluindo-se janeiro (4%) da série histórica de 2023, a maior parte dos indicadores mostra estabilidade. Com exceção de março, com alta de 0,7%, maio, com queda de 0,6% e julho com alta de 0,7%, os demais meses indicaram variações próximas a zero, ou seja, foram quatro meses de estabilidade e três de volatilidade baixa. A leitura para agosto é estabilidade, após um alta de baixa amplitude (0,7%) em julho”, comentou o gerente da pesquisa, Cristiano Santo.

É o segundo indicador divulgado na semana que mostra a perda de fôlego da atividade econômica. Na terça-feira, o IBGE informou que o setor de serviços, após três meses consecutivos de alta, recuou 0,9% em agosto.

Cristiano Santo explicou que vários fatores explicam o baixo crescimento do comércio varejista em 2023, com variações expressivas em termos setoriais. Alguns setores têm apresentado indicadores negativos com alguma constância e outros têm crescido. Com isso, os dados apresentados indicam uma situação desafiadora no setor de varejo brasileiro.

Segundo Júlio Monteiro, sócio da rede de franquias Megamatte, a queda de 0,2% nas vendas é um sinal de dificuldades econômicas e pode ser atribuída a vários fatores, como o alto desemprego, a inflação, a incerteza econômica e a redução do poder de compra dos consumidores.

“A queda nas vendas do varejo tem impactos significativos tanto nas empresas quanto nos consumidores. As empresas podem enfrentar dificuldades financeiras, reduzir empregos e limitar investimentos em inovação e expansão. Além disso, pode diminuir a diversidade de produtos e serviços disponíveis no mercado”, disse Monteiro.

Para o economista Luciano Bravo, o que está influenciando a queda no varejo é o alto índice de endividamento dos brasileiros. “As famílias estão preocupadas em quitar dívidas e deixando de comprar. O programa Desenrola Brasil pode auxiliar na retomada, mas ainda é prematuro afirmar algo”, disse.

Impacto

Fábio Baptista, diretor executivo da Agilizza Automação Fiscal declarou que a queda nas vendas em certos segmentos pode refletir uma mudança nas preferências de consumo ou uma redução na disponibilidade de produtos em certos setores. “Por outro lado, o avanço nas vendas em segmentos essenciais, como supermercados e farmácias, sugere que os consumidores podem estar priorizando necessidades básicas”, explicou. (FS)